

Fernando Lowenthal

HISTÓRIAS
de vida & trabalho

Lloyd

DESDE 1938

Organização
Regina Rapacci

Texto
Fernando Lowenthal

Edição
Fred Linardi e Regina Rapacci

Produção, Projeto Gráfico e Diagramação
Editora Biografias & Profecias
www.biografiaseprofecias.com.br

Este livro foi produzido em 2017/2018, a partir de entrevistas com Fernando Lowenthal, Percio Lowenthal, familiares e colaboradores. Toda renda arrecadada com sua distribuição será revertida para fins beneficentes. Todos os direitos e deveres são de responsabilidade da família Lowenthal e do Lloyd Imobiliário.

Imagens
Acervo particular da família Lowenthal e Lloyd.
Créditos das imagens da capa: Avenida São João - Werner Haberkorn; Avenida Paulista - Rodrigo Tetsuo Argenton.

Revisão
Izabel C. Lourenço

Em memória de Benjamin Lowenthal.

PREFÁCIO

Pércio Lowenthal

s 80 anos do Lloyd, somados aos 80 anos de meu pai, trouxeram-me o desejo de fazer mais que uma grande festa. Mantendo a empresa viva e atualizada num mundo de contínua transformação, em âmbitos até inimagináveis em sua fundação, nos dirigimos por qualidades humanas que se mantêm e se manterão através dos tempos. Por isso, convidei meu pai a contar um pouco da nossa história e de nossos antepassados.

Quando alguns deles desembarcaram no Brasil – e foram acolhidos pela nova pátria – encontraram a cidade de São Paulo ainda no início do processo de verticalização dos espaços. A habitação em apartamentos era novidade e se intensificava como alternativa de moradia. A oferta e a procura, bem como a vivência nos espaços coletivos, passaram a demandar normas, leis e regimentos. Foi neste cenário que, em 1938, surgiu o Lloyd Imobiliário.

As histórias da empresa e da família aqui se entrelaçam e é difícil dizer qual delas vem antes. O Lloyd sempre foi uma grande família ou talvez sejamos uma família que aprendeu a ser grande. Talvez pareça, para alguns, um texto íntimo demais e, para outros, uma memória que dá sustentação ao negócio, honrando sua reputação.

Importante é que, reverenciando nossas raízes e tradição, seja como Lowenthal ou Lloyd, nosso propósito é continuar a servir às pessoas e a nos desenvolver juntos, com cada personagem desta trajetória encontrando nela inspiração para um trabalho e uma vida com significado.

Fernando Lowenthal

Um dia, meu filho Pércio entrou em minha sala dizendo que tinha uma missão para mim: registrar a nossa história. Ele não queria correr o risco de um dia perder nossa memória. Mas por onde se começa uma narrativa que reúne elementos diferentes, entre uma cultura, uma pátria e o tempo? Pelo começo, pela Alemanha.

*

Era uma sexta-feira de 1933, quando meu pai, Benjamin Lowenthal, foi atacado e humilhado por dois soldados nazistas quando caminhava com um amigo pelas ruas de Berlim. O antissemitismo começava a dar sinais irrefutáveis. O episódio trouxe-lhe a convicção de que era hora de deixar o país.

Ao chegar em casa, os castiçais para o Shabat já estavam com as velas acesas. Ele chamou minha mãe, Clara, e sem muitas delongas pediu que ela colocasse numa mala tudo o que fosse possível. Naquela mesma noite partiriam para outro lugar e, para que ninguém suspeitasse da fuga, deixariam a casa sem apagar os candelabros.

Incertos quanto ao destino da viagem, foram para a estação de trem. Primeiramente, iriam até a divisa com a Polônia, país de origem de papai. Ele tinha um amigo que vivia em Johannesburg, na África do Sul e, se tivesse conseguido contatá-lo, posteriormente aquela seria uma possibilidade.

Ainda não haviam comprado os bilhetes, quando mamãe caiu num pranto comovente. Ela queria se despedir de sua mãe e irmãs, explicando o acontecido. Papai consentiu que ela fosse e ficou esperando.

Não faço ideia do que lhe passava pela mente enquanto ele a aguardava. Talvez tenha ficado com as lembranças de quando a vida parecia mais tranquila. Quando os dois se conheceram em Berlim, papai era proprietário de uma loja que vendia cigarros de fabricação própria. Já meu avô materno, Faiwel, ainda vivo, ganhava a vida vendendo ovos. Uma de suas alegrias era voltar para casa e encontrar a minha avó, Rosa, e ouvir a música das filhas: mamãe, ao violino, e uma de suas irmãs, ao piano.

Agora tudo ficaria apenas na memória. Naquela noite, deixaram para trás suas raízes; em prol da vida, abraçariam o futuro em outras terras.

Depois da Polônia seguiram uma jornada pela Itália, de onde partiram em direção à Argentina. Quando o navio parou no porto de Santos, papai encontrou patrícios que vinham ao cais buscando notícias sobre familiares e foi convencido de que São Paulo era um bom lugar para se estabelecer. Mamãe hesitou, mas o Brasil passou a ser a nova pátria do casal, e a capital paulistana o lugar onde, juntos, começariam uma nova vida.

*

Eles conseguiram alugar um apartamento bem no centro da cidade, na Rua Conceição. Foi lá que, em 1934, aos 31 anos, mamãe deu à luz minha irmã Sônia. Em 1937, mudaram-se para a Rua Ipiranga 1138, quando ainda nem era uma avenida, no terceiro andar do Edifício Mococa, apartamento 31.

A mudança veio acompanhada de outro motivo para a



Meus pais, Clara e Benjamin na Itália, depois que deixaram para trás a vida que tinham em Berlim.

celebração: o meu nascimento, em 17 de setembro daquele mesmo ano. Tamanha foi a euforia de papai quando eu nasci, que ele comemorou por três dias, deixando para me registrar um mês depois, em 17 de outubro de 1937.

No ano seguinte, a cidade – que teria Prestes Maia nomeado prefeito –, começava a passar por uma significativa transformação e crescimento.

Papai trabalhava como mascate, vendendo tecidos por estados brasileiros, enquanto mamãe, para ajudar nas despesas da casa, durante parte do dia nos deixava e descia para vender gravatas na esquina entre as ruas Ipiranga e Santa Efigênia. Eu, extremamente ligado a ela, acompanhava-a em tudo que podia e ficava esperando, observando-a pela janela. Como no apartamento havia três quartos, outra maneira de aumentar a receita da família era alugar um deles. Lembro-me que, por um bom tempo, uma professora, Dona Rosina, morou conosco.

Pelo menos, a vida – embora de muito trabalho e sacrifício – era de paz. Então, veio a Segunda Guerra. Papai pedia que não falássemos alemão, nem mesmo em casa. Obedecíamos. Não foi um tempo fácil. Os alimentos começaram a ser racionados e, para conseguirmos os mantimentos, tínhamos que ficar em filas em frente à padaria, ainda de madrugada, com uma senha em mãos. Pelo menos estávamos a salvo.

*

Nessa época, eu e Sônia, inseparáveis, fomos estudar num colégio de freiras. Lembro-me de uma imagem do Cristo crucificado, numa parede, acima de um arco. Mes-

mo que a freiras respeitassem nossas diferenças de credo, quando começavam as orações, eu sempre ficava em dúvida se deveria ou não acompanhar.

Os espaços na cidade não representavam perigo algum. Na Rua Conselheiro Crispiniano ficava a papelaria Pena de Ouro, onde íamos comprar caderno, caneta tinteiro e papel almaço. As brincadeiras de pega-pega, pula-cerca e correria se davam entre os parques do Largo do Arouche e Jardim da Luz. Um dia, num tombo, destronei o ombro. Para colocá-lo no lugar, o médico mandou andar com uma pasta carregada de tijolos, forçando o osso voltar aos poucos para a posição correta. Funcionou!

Morávamos num prédio onde fiz boas amizades. Graças ao relacionamento de nossos pais, fiz amigos muito próximos, que me acompanharam por toda a vida, como Jose Leimann e Ralf Adler.

Nos fragmentos de minha memória, lembro-me do pai de um amigo que morava no prédio ao lado. Alfaiate, tinha sua oficina de costura em casa. Com a cidade acolhendo tantos novos imigrantes, também não me esqueço de um vizinho que só falava italiano e, se não nos entendíamos pela diferença de idiomas, como crianças nos comunicávamos sem problemas.

Na rua passava o bonde onde meninos como eu, que queriam trocar figurinhas no Largo São Bento, arriscavam-se a serem pegos sem pagar, saindo da Rua Santa Efigênia até o ponto final, para encontrar outros colecionadores mirins. Quando o cobrador se aproximava, descíamos em disparada. A contravenção era uma deliciosa aventura.

Também brincávamos o Carnaval de rua. Uma vez nos vestimos como Pierrô e Colombina. Foi num dos fotógrafos da Praça da República que tiramos retratos que guardei por uma vida. Sempre que podiam, papai e mamãe nos acompanhavam. Se não, era Sônia quem cuidava de mim.

Entre a Rio Branco e a Ipiranga, transitávamos livres e, volta e meia, brincávamos nos jardins da casa do próprio Washington Luiz, que gentilmente nos deixava entrar. Também dividia a bicicleta com minha irmã, o que não me fazia muito feliz, já que a bicicleta era “de menina”, sem o cano de barra.

Na Rua Estela morava a mãe de papai, vovó Golda, e uma de suas irmãs, Tia Rosa. Meu avô, Abraão, falecera ainda na Alemanha. Tio Carlos foi morar na esquina da Avenida São João com a Ipiranga onde, da janela, eu e Sônia vibrávamos com os desfiles cívicos. Tio Max não me lembro ao certo, mas também morava por perto.

Não convivi muitos anos com minha avó Golda, que vivia adoentada. Um dia percebi uma tristeza no ar. No dia seguinte, da janela, vi meus pais saindo com uma faixa preta ao redor do braço. Nunca mais a vi.

A mãe de mamãe e suas irmãs também vieram para o Brasil. Por um tempo, viveram no mesmo prédio. Num apartamento, morava vovó Rosa com tia Dora. Em outro, Tia Lote, com os filhos Werner e Renata. Depois, ela e meus primos mudaram-se para Curitiba e, mais tarde, para Porto Alegre. Tia Dora casou-se e foi morar nos Jardins e teve uma filha, minha prima Guerda. Então, vovó Rosa mudou-se para a Avenida São João.

Frequentávamos um clube da colônia, na zona norte de São Paulo, o MACABI. Íamos de condução até a Voluntários da Pátria. Lá descíamos e, na esquina da Rua da Coroa, ficávamos esperando uma condução própria do clube, que ficava um pouco mais afastado.

Uma vez, minha irmã concorreu à Rainha Ester e ganhou. Lembro-me dela desfilando com a coroa, aplaudida por todos: o prêmio era merecido.

Nesse clube existiam umas casinhas de madeira, verdes, pequenas construções que podíamos alugar para deixar nossas coisas. Meus pais levavam acolchoados, bola, garrafas de água e suco. Deixávamos lá no sábado e voltávamos para casa. Ao menos, no domingo, não era preciso carregar tudo de novo.

Aos três anos, fui diagnosticado com bronquite asmática. Mamãe se culpava porque atribuía a doença a um sorvete “cor-de-rosa” que me dera quando operei as amígdalas. Por toda a vida tive que aprender a conviver e administrar a falta de ar quando ela surgia. Às vezes, mamãe, no desespero, me pendurava para fora da janela para me ajudar a respirar e corríamos para o pronto socorro.

A questão da minha saúde pedia sempre muita atenção, mas meus pais amorosamente cuidaram para que eu tivesse uma vida mais próxima do normal possível. Quando íamos à sinagoga, na Rua Brigadeiro Galvão, na volta, papai me carregava nos ombros e providencialmente parávamos na casa da vovó Rosa, que ficava no meio do caminho, para uma rápida visita e um breve descanso.



Sônia, minha irmã, meus pais e eu.

Em casa, o temperamento de mamãe era o mais rígido. Às vezes, ela nos dava uns tapas. Eu era tão ligado à Sônia, que quando ela ia apanhar, eu pedia para apanhar em seu lugar. Mamãe acabava cedendo por eu ser menor e asmático.

Papai era pura bondade. O problema era que ele se deixava aproveitar por quem percebia sua generosidade. Isso deu motivo para muitos conflitos entre ele e minha mãe. Não que nossas condições não fossem melhorando aos poucos. Ele conseguiu amearhar um capital, mas, se tivesse tido mais firmeza com as pessoas, poderíamos, talvez, ter tido uma situação melhor. Era disso que mamãe se queixava, uma vez que emprestava dinheiro aos amigos que raramente devolviam.

Depois, eu devia ter por volta de dez anos quando ele conseguiu abrir seu próprio negócio, uma oficina de joias na Rua Boa Vista. Seu sonho era que pudéssemos trabalhar juntos. Eu gostava de ir lá, mas era um ambiente muito envolvido em pó – um impeditivo por conta da minha saúde. Alguns anos mais tarde, ele abriu uma outra na Rua Barão de Itapetininga, que manteve por alguns anos, mas, ao sentir que era o momento de parar, não vendeu o negócio, muito menos o fechou, simplesmente passou de graça a Vicente, um funcionário de confiança, em gratidão à sua fidelidade. Depois disso, papai tornou-se representante comercial.

O tempo passava, minha asma não. Fui aprendendo a ser mais resignado. Tão difícil quanto ficar sem ar, era lidar com o sofrimento e aflição dos meus pais. Eu ainda era

bem garoto quando, ao perceber a crise iminente, me trancava no banheiro, sem alertar ninguém, pegava eu mesmo o estojo de metal e a seringa de vidro, esterilizava a agulha, preparava a injeção e me autoaplicava.

Por outro lado, a asma me levou também aos esportes e às adoráveis idas a Santos, aos finais de semana.

*

Em Santos, no início, nos hospedávamos na pensão de um patrício chamado Sr. Júlio, que a vendeu para uma família síria: João e Alice, pais de Elias e Abud.

Continuamos frequentando a Pensão Vitória do mesmo jeito, nos tornando hóspedes assíduos. O único porém é que eu morria de ciúmes, porque o pequeno Abud era uma criança linda, parecia um anjinho, e vivia no colo de minha mãe, que caíra em seus encantos.

Mas era lá que eu podia jogar futebol, esporte de que sempre gostei. Eu jogava sempre com Elias, mas quando eu chutava a bola longe, ele se recusava a ir buscá-la; eu também não podia correr por conta do meu fôlego fraco... Era frustrante ter essa limitação, ainda mais pelo tanto que eu gostava de brincar.

De tudo aquilo, o melhor é que minha amizade com Elias se perpetua até hoje.

A paixão pelo futebol nasceu porque meu pai, meu avô e meu tio sempre foram fanáticos pelo esporte. Enquanto estavam na Alemanha, os irmãos jogavam bola num time judeu chamado Hacoa.

Lá, tio Carlos era goleiro e meu pai, acredito, centroavante. Desde pequeno, eles me levavam ao Estádio do Pacaembu. Ser são-paulino e assistir aos jogos de domingo em família foi uma das coisas que aprendi com meu pai e cultivo até hoje.

Uma vez, na volta de uma viagem de férias que eu tinha feito com mamãe e Sônia, papai esperava nosso ônibus na esquina da Rio Branco com a Ipiranga, para me levar direto ao jogo do São Paulo e Palmeiras. Chovia muito. Comi alguma coisa num bar e de lá fomos para o estádio. Pegamos o bonde na Avenida São João e descemos na General Olímpio da Silveira. Dali caminhamos até o Pacaembu. Sentamos na geral, no cimento, sob o guarda-chuva, pois a chuva persistia. Apesar de todo aquele sacrifício debaixo d'água, perdemos de 2 a 1. Que tristeza!

Mas me envolvi com outras modalidades esportivas também. Além de começar a fazer aulas numa escola de natação na Rua Jaguaribe, próximo da Santa Casa de Misericórdia, também comecei a frequentar o Clube de Regatas do Tietê, quando o rio era despoluído e havia os barquinhos chamados catracas.

Eu remava contra a corrente e depois deixava a correnteza me trazer de volta. Comecei a jogar basquete pelo time infantil e cheguei a me tornar federado. Eu jogava bem, mas não conseguia ficar muito tempo em quadra. Porém, recebia muito apoio e incentivo do técnico.

Ao clube, eu ia sempre aos finais de semana, na companhia de minha irmã. Sônia sempre foi muito bonita, como minha mãe, que era vaidosa e vivia se cuidando entre cre-

mes e salões de beleza. Eu sentia ciúmes de ambas.

Enfim, foi lá, no clube, que Sônia, aos 14 anos, conheceu meu cunhado, Isaac Murachovsky, que mais tarde se tornaria um respeitado médico de São Paulo. Ele começou a se aproximar e passou a nos acompanhar na volta para casa. Ia conosco até a porta, na Avenida Ipiranga, mas não subia porque minha mãe não aceitava o namoro, por Sônia ser ainda muito jovem.

Ele pagava a nossa condução e sugeria que eu comprasse balas e figurinhas com o dinheiro que sobrava. Tudo para não ser denunciado.

Na troca inocente, pedia que eu não contasse para minha mãe que ele nos acompanhava até ali. E eu não contava. Afinal, eu idolatrava minha irmã.

Sônia e Isaac se casaram quando ela tinha 18 anos. Tiveram dois filhos, Flávio e Eliane. Médico ortopedista, Isaac foi vítima de um câncer nos ossos quando tinha pouco mais de 50 anos. Ele sabia o que aconteceria com o corpo e o tempo que lhe restava. Todo seu conhecimento compartilhou com o filho, que passou a acompanhá-lo nas cirurgias.

Voltando à história, eu ainda era um moleque, de espírito livre, quando eu e meus amigos adorávamos ficar em frente ao Dancing Chuá, um lugar onde os homens iam dançar com as mulheres. Enquanto dançavam, um senhor picotava um cartão que marcava o tempo, e eles pagavam por esta medida. Quando começava o baile, ficávamos na porta para ver as moças entrarem. Era o máximo! Outra alegria era ir ao cinema Arte Palácio – na São João –, no Dom Pedro II – no Vale do Anhangabaú...

*

Imaginem as modernidades da época: na Rua Antonio de Godoi havia os rádios, até aí tudo bem. Mas quando surgiu a TV, no início da década de 50, passávamos sempre pelas lojas para apreciar a novidade. A esta altura, eu e Sonia já estudávamos no Colégio Ciências e Letras, bem em frente ao Hospital Beneficência Portuguesa.

Mas modernidade nenhuma ofuscava a tradição. Meus avós e meus pais eram praticantes não ortodoxos do judaísmo e sempre fizeram questão de respeitar o Shabat e os feriados judaicos – como Yom Kipur e Rosh Hashaná – ocasiões em que íamos à sinagoga. Tal devoção, segui cultivando ao longo de toda a vida.

Quando completei 13 anos, celebramos o Bar Mitzvá. A festa foi em casa, num sábado de manhã, quando meus pais organizaram um tipo de brunch, encomendado do buffet de uma padaria no Largo do Arouche, a Nosso Pão.

Na cerimônia, era preciso ler um trecho da Torah e, como eu não sabia o hebraico, tive algumas aulas com o professor Lahrman – que, em ídiche, quer dizer “o homem que dá risada”. A Congregação Israelita Paulista estava começando, com a vinda e o trabalho do rabino Pinkus, ainda na Brigadeiro Galvão.

Depois de minha maioridade religiosa, deixei de usar calças curtas. Eu não era mais um menininho. Perante a lei judaica, eu já era responsável por meus atos.

*

Segui os estudos no colégio de Ciências e Letras. Bom aluno, aos 14 anos, comecei a trabalhar meio período, pau-

tado pela necessidade de ajudar em casa. Como já tinha feito o curso de datilografia numa escola na Rua Santa Efigênia, tirei a carteira de trabalho e me tornei datilógrafo numa loja chamada Sensação Modas, uma grande loja, na esquina da 24 de Maio com a Conselheiro Crispiniano, preenchendo carnês de compra. Preenchia folha por folha e grampeava.

Um pouco mais tarde, fiz curso eletrotécnico de rádio, no Instituto Monitor, na Rua da Consolação. Aprendíamos a montar e consertar rádios, mas nunca cheguei a trabalhar na área e tampouco consertei rádio algum. Nem sei por que fiz este curso, provavelmente porque meus pais sempre se preocuparam com nossa educação e futuro.

Eles fizeram questão que eu estudasse inglês, numa escola da Rua José Bonifácio. Para ir até lá, eu passava perto da Rádio Record, na Rua Quintino Bocaiuva, onde havia uma promoção que, levando um toquinho de lápis, ganhava-se um lápis inteiro.

Depois de alguns meses na Sensação Modas saí da Rua 24 de Maio e fui trabalhar no escritório da firma dos Tecidos Jaraguá na Avenida Cásper Líbero, esquina com a Rua Washington Luís. Sempre trabalhava nos períodos da tarde, porque seguia com meus estudos na parte da manhã. Eu me sentia importante e era valorizado e útil no que fazia. Tinha respeito das pessoas no lugar onde eu trabalhava. Vaidoso, ia sempre de camisa branca e cabelo bem penteado.

Ainda no científico, equivalente ao ensino médio atual, tive uma passagem pelo Colégio Bandeirantes. Já naquela

ocasião era um colégio muito forte e senti dificuldade em acompanhar o ritmo das aulas. Pelo meu jeito – prendado e sempre arrumado –, aconselharam meu pai que eu deveria estudar para ser contador.

Assim, poderia trabalhar num escritório de paletó e gravata. Esse era meu sonho! Então, me matriculei na Escola Técnica de Comércio Tiradentes, na Rua José Paulino.

Foi ali que conheci Salomão, que mais tarde me levaria a encontrar um tesouro.

*

Eu sempre procurava uma oportunidade melhor de trabalho. Em 1954, fui trabalhar na Galeria Califórnia, na Rua Barão de Itapetininga, na J. G. Wille. O dono era um suíço que comercializava lotes na Serra da Cantareira. Lá, trabalhava um advogado italiano chamado Aurelio Pedrazziane.

Quando ele saiu dali, convidou-me para trabalhar no seu escritório de administração de aluguéis, na Rua 7 de Abril. Foi o primeiro emprego da minha vida na carreira imobiliária e, claro, vestindo terno e gravata.

Naquele tempo era comum um prédio inteiro ser de apenas um único proprietário, que alugava cada um dos apartamentos. Mensalmente, os inquilinos vinham pagar o aluguel e também um valor referente ao custo do zelador e da limpeza dos espaços comuns. Assim, fui aprendendo a ratear e cobrar despesas de luz, água limpeza do prédio – ainda nem chamadas de condomínio – a serem pagas com o aluguel.

A população da cidade aumentava, bem como a indus-

trialização e o êxodo rural. O desequilíbrio entre a procura e oferta de moradias gerou a construção de novos prédios, que se proliferou. Passamos a assistir também à otimização do espaço e a prática de menores custos de edificação. Tais empreendimentos foram cada vez mais conquistando maior aceitação. Por isso, era fundamental a gestão dos fatores que compunham a ocupação destes espaços, conceituados agora condomínios.

Depois que me formei contador na Escola Técnica, entrei para a faculdade de Ciências Econômicas da PUC. Eu já havia conseguido comprar um carro, uma conquista. Sempre que podia, quer dizer, quando eu tinha dinheiro para a gasolina, ia com ele para a faculdade à noite, para depois passear com os amigos, entre eles, Salomão.

Com o tempo, nossa amizade só se estreitava. Ora pelos estudos, ora pelos passeios. Uma vez, viajamos com sua futura esposa e a irmã dela, Luiza, até Serra Negra. Fomos e voltamos no mesmo dia. Foi uma viagem rápida e inesquecível, divertimo-nos muito.

*

Papai abriu um escritório de Representação Comercial na Avenida Ipiranga, no número 1071, 4º andar, sala 401. Com ele trabalhava um contador chamado Antonio Mage-rosky que, ao ver que eu já havia aprendido muita coisa onde estava, convidou-me para ser seu sócio numa Administradora de Condomínios. Nascia assim, em 1962, a OFIL – Organização Financeira Imobiliária London, e minha vida de empreendedor.

Instalamos-nos numa sala num prédio na altura do núme-

ro 896 também da Avenida Ipiranga. Além de fazer administração de condomínio, captávamos dinheiro de investidores para empregar em lojas de comércio de São Paulo. Embaixo do nosso escritório, por coincidência, existia um banco chamado London, que originalmente era Lloyd's Bank, mas teve a marca reivindicada e precisou trocá-la.

Um dia, alguns gerentes deste banco vieram até nosso escritório e queriam saber o que fazíamos e por qual motivo tínhamos a expressão "London" em nossa razão social. Também nos pressionaram para mudar, mas com o contrato social devidamente registrado, batemos o pé e mantivemos o nome.

Foi nesse mesmo ano que o locatário de onde eu e meus pais morávamos de aluguel, há 25 anos, pediu o apartamento. Saíamos ou comprávamos o imóvel. Aconselhei papai. Não achava um bom negócio comprar aquele imóvel tão antigo. Se fosse para investir em algo, que comprássemos um novo, e encontramos uma oportunidade na Avenida Angélica. Eu, meu pai e minha irmã nos mobilizamos e, juntos, compramos o imóvel para onde nos mudamos.

Enquanto cursava a faculdade, tive uma namorada, mas terminamos muito antes de me formar. A mãe da moça me pressionava para assumir um compromisso para o qual eu não me sentia pronto. Livre, pude passar mais tempo com os meus amigos, inclusive Salomão, que eu conhecia desde a Escola Técnica. Foi assim que comecei a conviver mais com Luiza. Pouco a pouco, meus olhos se voltaram para ela.

Luiza tem uma história não muito diferente da minha. Pais

imigrantes – Abrahão e Mindla – como tantas, uma família judia que precisou reconstruir a vida numa terra estrangeira que os acolheu e passou a ser o país de seus descendentes. Ela também precisou trabalhar desde cedo. Quanto mais convivíamos, mais ela me cativava, e eu gostava muito de estar com todos ali, era algo muito familiar a mim. Ela era boazinha e, ao mesmo tempo, temperamental, mas sempre nos entendíamos. Foi por isso que a convidei para dançar a valsa no meu baile de formatura.

Começamos a namorar e, em 1965, nos casamos. A cerimônia foi na loja maçônica que eu frequentava há alguns anos, a convite de um alemão amigo dos meus pais, Davi Cartun. Depois, houve uma cerimônia religiosa na Sinagoga Bethel, na Rua Martinho Prado. A festa foi num buffett, na Avenida Faria Lima.

Eu também me tornara muito próximo de Natan, irmão de Isaac, marido de minha irmã. Combinamos de nos casar com diferença de uma semana um do outro. Na lua de mel, eu e Luiza fomos até Curitiba, onde deixamos o carro e pegamos um avião até Foz do Iguaçu – o primeiro voo da vida dela. Um passageiro amedrontado que se enrolara em panos, deixando apenas os olhos de fora, nos rende boas gargalhadas até hoje.

Uma outra situação também nos fez rir, mas só depois de superada. Após uma semana sozinhos, voltamos a Curitiba para encontrar Natan e Cecília. Foi um bom passeio. Fomos até Porto Alegre, os quatro recém-casados. Porém, no retorno a São Paulo, em Curitibaanos, meu carro quebrou. Era um Taurus verde, de fabricação alemã, o que

não tornava muito fácil encontrar as peças para o concerto. A saída foi dormir uma noite ali e voltar para Curitiba, de onde Luiza e Cecília voltaram para São Paulo sozinhas, de ônibus, para comprarem as peças necessárias e encaminhá-las de volta para nós.

O fato de elas terem voltado sozinhas da lua de mel se tornou quase um escândalo. Minha sogra se assustou ao ver a filha chegando desacompanhada do esposo, até que o motivo foi devidamente esclarecido. Para piorar, após o concerto, chegando em Embu das Artes, o carro quebrou mais uma vez. Quando finalmente cheguei em São Paulo, botei o automóvel à venda.

Eu e Luiza fomos morar num apartamento próprio, no Condomínio Edifício La Paz, em Santa Cecília, onde não ficamos por muito tempo sozinhos. Aos dez meses de casado, tive a alegria de ser pai. Rosane nasceu em 1966. Seguindo a convenção da nossa cultura, batizamos nossos filhos com nomes de nossos antepassados, de forma que Rosane é uma homenagem a minha falecida avó materna, Rosa.

*

Nesse mesmo ano, 1966, eu e meu sócio tivemos um desalinhamento de ideias e achamos melhor nos separarmos. Deixei a sociedade e ele permaneceu. Como eu já havia me associado ao sindicato de corretor de imóveis, abri a Ferlow, aproveitando e dividindo o espaço no escritório de papai. Conforme acordado com Antonio, trouxe comigo parte dos prédios que atendíamos, sendo que alguns permanecem conosco, no Lloyd, até hoje.

Em 1969, ao me ver trabalhar sozinho, papai começou a falar sobre um amigo seu, o dr. Karll Meller, fundador do Lloyd Imobiliário. Muito bem relacionado e ativo na colônia alemã, ele administrava locações e condomínios.

Este senhor batia muito na tecla com meu pai, insistindo que eu deveria ir trabalhar com ele, já que eu tinha um escritório pequeno e ele um muito maior, mais sólido, organizado, e com uma equipe formada. Papai me aconselhou a aceitar o convite. Relutei um tempo, mas propus fazermos um teste.

Além da imobiliária que administrava as locações e da administradora de condomínios, ele também cuidava de um grande loteamento em Guarulhos, que mais tarde foi assumido pela prefeitura da cidade.

Começamos a trabalhar juntos e fui me inteirando mais do negócio, que já passava de 30 anos. Então, em 1970, eu e minha senhora assinamos o contrato como sócios majoritários e, logo depois, Dr. Karll Meller pôde deixar a sociedade, tranquilo, pois sentia que o seu “filho”, estava em boas mãos.

Falando em filho, a essa altura, com a benção de Deus, já tínhamos um casal. Em 1968, nasceu Pércio. Seu nome foi dado em homenagem à sua bisavó materna. Ele já tinha quase dois anos quando eu assumi o Lloyd, que na época contava com apenas 30 condomínios.

Luiza passou a se revezar entre a maternidade, a casa e a empresa. Como eu já tinha experiência com as assembleias e sabia o quanto são importantes, fazia questão de



Eu e Luiza.

eu mesmo fazê-las para estar próximo aos clientes. Isso exigia um sacrifício à família: às vezes, eu acabava ficando sem ver as crianças por dois dias, já que nossos horários se desencontravam porque, Luiza saía cedinho com eles para deixá-los na escola. Mas sempre que possível, passava antes das reuniões em casa.

Meus filhos, quando me viam chegar, invariavelmente perguntavam:

– Hoje tem reunião, pai?

Depois do jantar e de assistir ao jornal, eu lhes dava um beijo de boa noite. Apesar da ausência em boa parte das noites, sempre reservei para nós os finais de semana e, às sextas, já voltava para casa à tarde, para me preparar para o Shabat. Disso, nunca abri mão.

As horas de convívio com as crianças eram preciosas. Um hobby que curtimos em família foi o aeromodelismo. Outra coisa que alegrava a todos era a montagem do projetor de slides. Ficávamos reunidos na sala, nos divertindo com nossas fotos de passeios e viagens.

Eu e Luiza nos apoiávamos mutuamente pelo desafio de levar a empresa adiante, criando-a ao nosso modo e, mais importante, sustentando com ela nossa família e nossos sonhos. Seguimos sempre juntos, um apoiando o outro. As dificuldades e desafios nos aproximaram e nos fizeram crescer como casal.

De manhã, Luiza deixava as crianças na escola e ia para o Lloyd, onde, por mais de 30 anos, ela me ajudou cuidando da parte financeira, dos pagamentos e recebimentos. Eu,

à frente, com os clientes e assembleias, e ela cuidando para que os bastidores funcionassem. Conforme crescíamos, chegavam novos colaboradores. Tivemos a sorte de encontrar gente muito boa pelo caminho.

Os clientes de locações vinham pagar o aluguel, em dinheiro ou cheque. No banco, mal me conheciam, mas Luiza era famosa. Apelidaram-na carinhosamente de Dona Lloyd, porque passava por lá todos os dias para resolver o que fosse preciso ou simplesmente deixar os malotes com as contas a pagar e retirá-los com os comprovantes de pagamento. Interessante relembrar que, naquela época, toda transação bancária era manual e em papel.

Os pagamentos de salários dos funcionários dos condomínios eram feitos sempre no dia 5. Tudo passava por nós, era nossa responsabilidade. Um cheque para cada funcionário. Eles eram datilografados, com cópia, e colocados na pasta. Quantas vezes eu não chegava em casa com os cheques e ela ficava assinando um por um até de madrugada. Até que veio a máquina que só cancelava a assinatura e, anos depois, a de assinatura eletrônica. Era o máximo dos máximos!

No escritório, fiz questão que papai ficasse comigo. Sua mesa ficava bem perto da minha. Era um privilégio tê-lo ali e poder trocar ideias, desfrutar de seus conselhos. Sempre disponível, ele apoiava Luiza no que fosse preciso quanto aos serviços bancários.

Aprendia diariamente com ele. Lembro que toda vez que tomávamos café num bar ou padaria, ele derrubava um pouco do café para fora da xícara. Eu pensava que era por



Eu, num dia de trabalho no Lloyd, onde sempre prezei por negócios e relacionamento.

higiene, para limpar a borda. Um dia falei que não era preciso fazer aquilo porque as xícaras vinham esterilizadas. Ele explicou que o gesto era apenas maneira figurada de dar um pouquinho para os pobres. Essa bondade, este dom da caridade que ele sempre teve, procuro cultivar na minha vida e transmitir aos meus descendentes.

Mamãe não estava tão próxima, mas, como uma boa mãe judia, continuou sempre a cuidar de mim, ainda preocupada com minha asma – com a qual aprendi a me precaver ao longo dos anos. Quando o clima anunciava qualquer mudança, ela já ligava logo cedo em casa para me aconselhar a levar um agasalho. Envelhecia sem perder a elegância. Com o mesmo capricho cuidava de seu lar, mantendo lustradas até as torneiras.

Aos domingos, costumávamos sair para almoçar com meus pais, agora no meu Opala. Luiza, Rosane e minha mãe iam atrás; eu, na frente com meu pai, e o Pércio sentado no colo dele. Depois, deixávamos as mulheres em casa e íamos para o estádio de futebol.

Papai foi vítima de um câncer no pulmão. Ele sempre fumou muito. Quando adoeceu e foi proibido de fumar, passou a consumir balinhas de hortelã aos montes. Comprava por quilo e as distribuía por todo lugar por onde passava. Eu tinha 39 anos quando ele morreu. Foi a maior dor da minha vida, a primeira perda significativa que vivi. Ele era meu norte, meu herói. Mamãe se despediu de nós quatro anos depois. Até hoje, a saudade permanece.

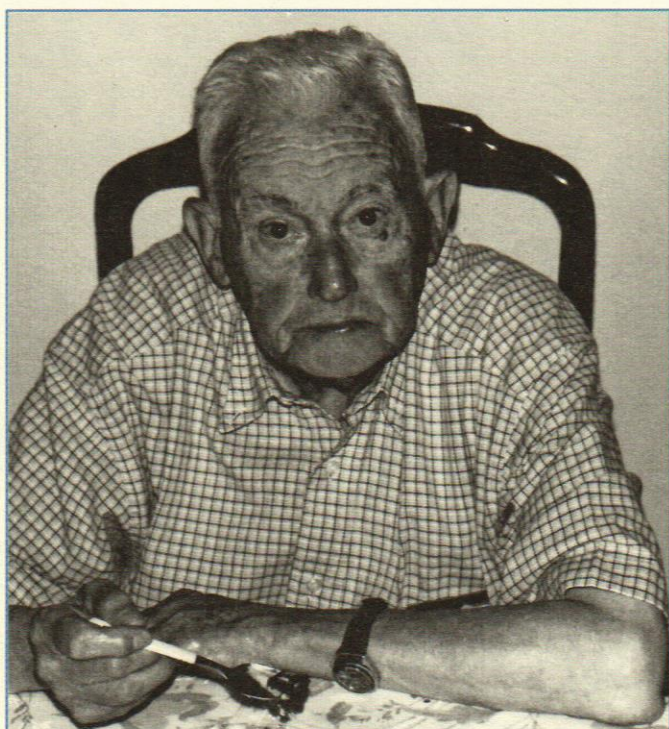
Costumeiramente, meu sogro, Abrahão, passava em casa aos sábados de manhã e trazia algo para as crianças.

Ele e Dona Mindla moravam no Bom Retiro, e eu tinha a alegria por ele também ser são-paulino. Impossível esquecer o Pessach na casa deles. Minha sogra tinha o cuidado de comprar o peixe vivo e deixá-lo na banheira da casa até o momento do preparo. Ela então cozinhava, moía, fazia tudo de maneira artesanal. As crianças mal podiam esperar o final da reza para se deliciarem com as sobremesas, especialmente o famoso pudim cor-de-rosa. Dona Mindla nos deixou em 1985, mas meu sogro viveu mais e teve a chance de conhecer três dos seus bisnetos.

Em 1967, eu havia comprado um apartamento em Santos, financiado, onde passamos muitos finais de semana e férias. Cada prestação que pagávamos era celebrada com muita alegria. Fizemos amizades memoráveis, que se estenderam aos nossos filhos. Divertíamos-nos com Rames e Cleusa. Rubens e Daisy, vizinhos. E seguíamos também cultivando amigos como Natan e Cecília, Sabina e Maurício, Leslie e Ester, Carlos e Matilde, entre tantos outros.

Em São Paulo, antes de nos mudarmos para a Rua Homem de Mello, em Perdizes, por muitos anos as crianças dormiram no mesmo quarto. As camas eram separadas por uma vitrola que às vezes rendia muita confusão, mas até nestes momentos era bonito vê-los crescer. Eles estudavam no Colégio Renascença, onde Rosane se mostrava uma excelente aluna, aplicada e focada nos estudos. Péricio exigia mais atenção. Ele gostava mesmo era de brincar com seus amigos, era daqueles que fazia a lição rapidinho para poder se liberar.

Quando fui tesoureiro do colégio, ele acreditou que eu



Meu sogro, Abram.



Meus filhos, Rosane e Pécio.

pudesse ter alguns privilégios, mas tudo que ele aprontava chegava bem rápido aos meus ouvidos. Houve um momento que sentimos que o melhor caminho era mudá-lo de escola. Um dia, variei o castigo para que ele começasse a assumir mais responsabilidades. Ao invés de deixá-lo ficar sem TV ou sem encontrar os amigos, trouxe-o para ficar comigo no escritório. Foi assim que começamos, mas esta história retomaremos adiante.

Luiza foi uma filha exigida e uma mãe amorosa, mas também exigente. Nunca fui milionário. Tivemos uma vida pacata, familiar, onde sabíamos que a cama em que dormíamos era nossa. Sempre acreditei e procurei ter uma vida com o pé no chão, sem atalhos, buscando sempre sentir a presença de Deus.

Proporcionamos para Rosane e Pércio uma infância e juventude cuidando para que nunca faltasse nada essencial para eles, material ou espiritualmente. Foram crescendo responsáveis, o que reconheço ser um grande mérito da educação e pulso que minha esposa teve com eles, mostrando o caminho do lado bom da vida, da honestidade.

*

Quando Pércio ainda era um menino, tive o impulso de convidá-lo para me acompanhar numa assembleia que seria no próprio apartamento do síndico, um comendador italiano que morava em um prédio da Rua Rio de Janeiro e costumava contratar até um buffet para servir as reuniões. Não era uma questão de luxo, havia algo mais próximo entre os moradores e achei que seria interessante ele participar.

Antigamente, as reuniões tinham um ambiente muito amistoso. Muitas vezes eram feitas no saguão dos prédios e cada morador trazia sua cadeira. Não havia espaços coletivos de socialização, mas o espírito de coletividade era presente. Hoje, às vezes, os espaços coletivos são priorizados nas atuais construções, mas confesso que tenho a sensação que o individualismo prevalece.

Querem ouvir também outra impressão sobre proximidade e modernidade? Essa tecnologia toda é maravilhosa, sou fã de qualquer recurso que nos aproxime do cliente, mas, às vezes, tenho a sensação de que tanto Whatsapp ameaça tornar a vida prática demais, deixando o contato humano e pessoal em segundo plano.

Essa era de transição exige coerência. Por exemplo, muitos prédios optam pelas portarias virtuais, com controles biométricos, por redução de custos, mas não querem abrir mão de alguém para receber as correspondências e afins para os condôminos. Aí acabam contratando as duas coisas. Mas sei que do caos dos processos de transição sempre nasce uma nova ordem. Foi assim com os ascensoristas quando deixaram de existir...

Aonde essa realidade nos levará? Fica o convite à reflexão.

*

O chamado de minha filha Rosane, desde muito cedo, foi voltado à área de saúde. Ela chegou a cogitar fazer medicina, mas sua primeira formação foi odontologia. Na faculdade conheceu Sergio, pai de seus filhos, Bruno e Vitor.

Com Bruno trilhamos um caminho de conhecimento e amor, aprendendo continuamente com ele e com sua resiliência. Estudante de educação física, tem nos esportes sua paixão.

Vitor optou pelo Direito. De perfil mais independente, já trabalha e, apesar de ser bem jovem, mostra-se muito responsável e atuante.

Embora Rosane não tenha se ligado emocionalmente ao Lloyd, quando, em 2014, esteve na Alemanha a trabalho, na noite em que visitou a Ópera de Berlim caiu em lágrimas ao imaginar que seus antepassados, avós e bisavós, frequentaram aquele lugar. Ao retornar ao Brasil, fez questão que no ano seguinte viajássemos para lá para visitarmos todos juntos os locais ligados às nossas raízes.

Hoje, Rosane tem pós-doutorado na área de psiquiatria, em distúrbios do desenvolvimento, e atua na Santa Casa de Misericórdia em São Paulo. O nascimento de Bruno, em 1993, despertou-lhe ainda mais os laços com a área de saúde e o terceiro setor, envolvendo-a em trabalhos de educação e inclusão de crianças com deficiência intelectual.

Quanto ao Pércio, o Lloyd foi para ele como um chamado. Sempre esteve ao meu lado, um grande companheiro. Casou-se com Renata e também nos deu dois netos: André e Juliana.

André é cópia fiel do pai, não só fisicamente, mas nos gostos, manias e nos estudos. Bom menino, tem um coração de ouro e dá sinais de seu tino comercial. Juliana, minha única neta, chamo carinhosamente de “princesinha”.



No sentido horário: Luiza e Rosane; Luiza, eu, Bruno e Vitor; Luiza, Bruno, eu e Rosane.

Puxou muito à tia e a vejo na área de humanas ou de saúde, pois se importa muito com o bem-estar das pessoas. Não poupa esforços quando tem a oportunidade de ajudar a alguém.

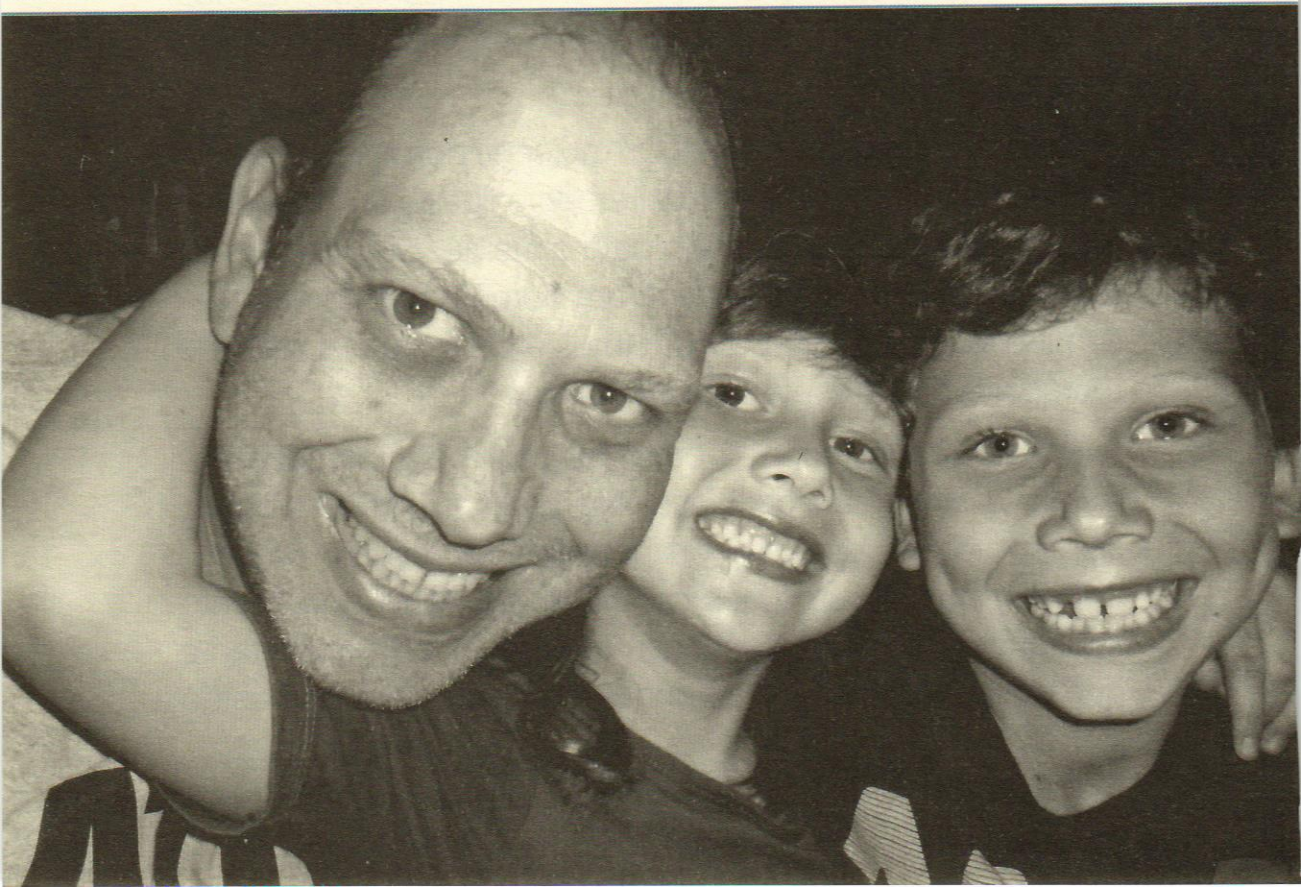
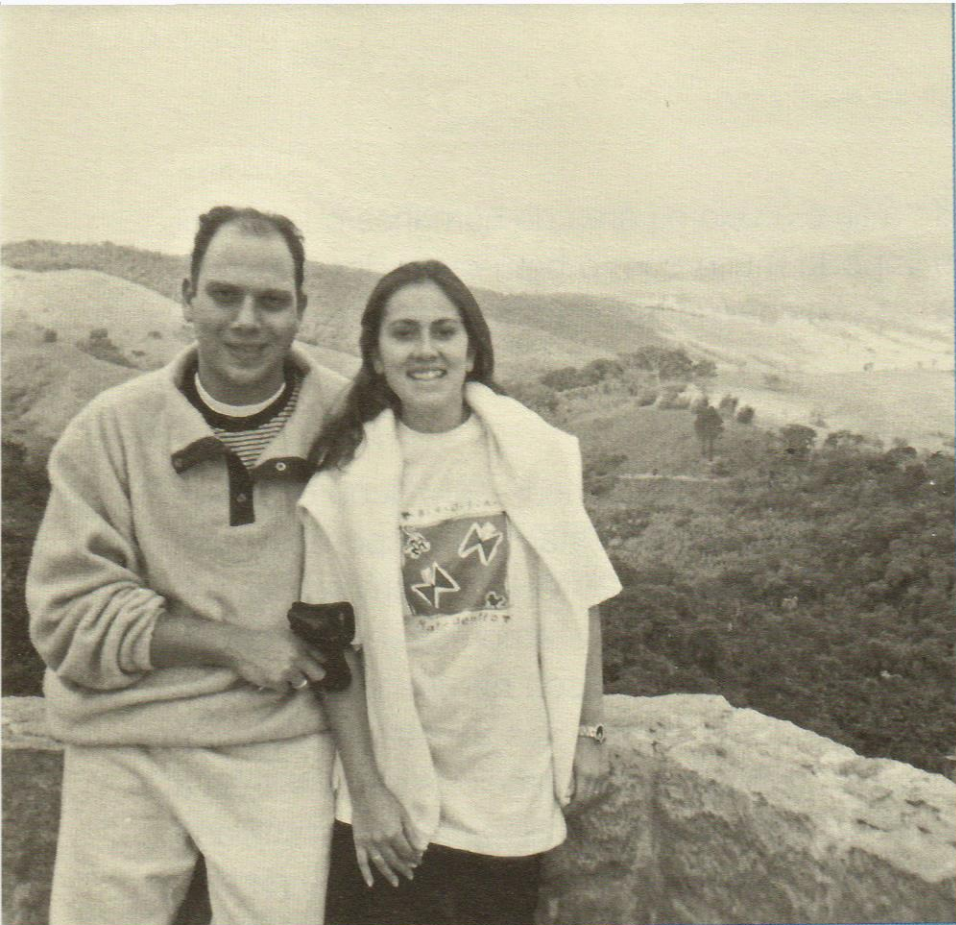
*

Em meados dos anos 2000, meu sogro ficou doente e Luiza sentiu que era importante estar mais disponível como filha. Quando ele faleceu, em 2003, já tínhamos três dos nossos netos. Ao retornar para a empresa, ela percebeu que Pércio, que trabalhava conosco há um tempo, já havia conquistado seu próprio espaço e a informatização do Lloyd exigia agora mais dos conhecimentos que ele tinha a oferecer. Ela viu no crescimento do filho uma oportunidade para sair, e então me disse: “Hoje é meu último dia na empresa”. Nunca deixou de atender a algum pedido, mas nos acompanha mais à distância. Tenho enorme gratidão por tê-la em minha vida.

Num determinado momento, me senti como ela. Percebi que meu filho estava verdadeiramente ligado ao negócio e a sucessão foi acontecendo naturalmente. Não tinha mais ao meu lado um menino, mas um homem pronto para assumir o que eu e Luiza construímos a partir do incentivo de meu pai e da semente de Karll Mehler.

Por isso, abro espaço para dar voz a ele, às suas palavras, à sua visão do Lloyd. Na prática, isso tem muito sentido. Minha atual responsabilidade se resume na contratação dos seguros dos condomínios. Além do aspecto funcional, sinto que, a esta altura, o papel mais importante que posso assumir é o de apoiar e incentivar os que estão

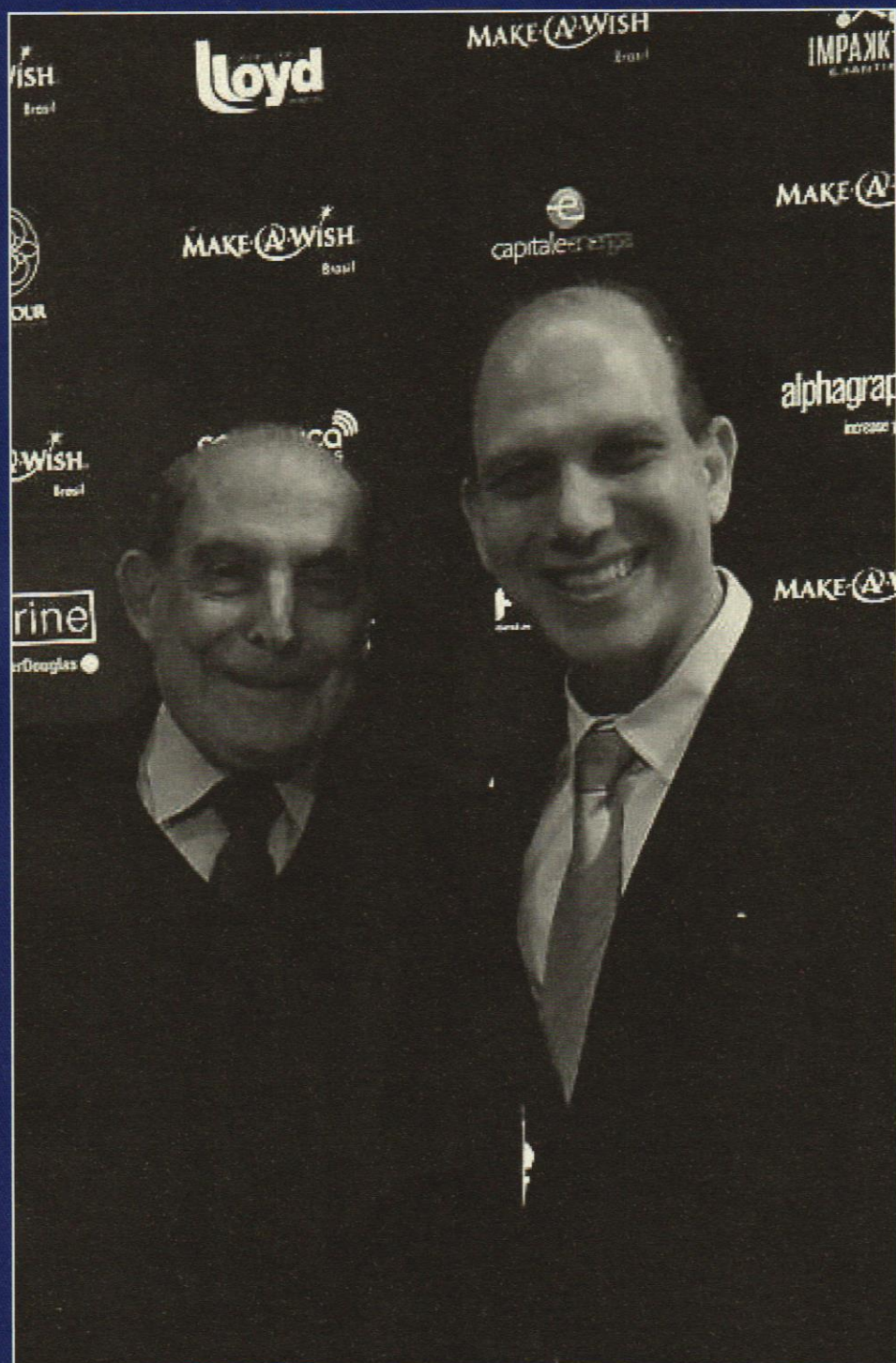
Ao lado, Pércio e
Renata. Abaixo,
Pércio, Juliana e
André. Na próxima
página: Eu, Luiza e
nossos amados netos.





vindo, compartilhando a luz interna que o tempo nos traz quando mantemos o calor do coração.

Assim, daqui em diante, é meu filho Pércio que segue contando a história...



POSFÁCIO

Percio Lowenthal

Lembro-me de ir com meu pai levando as sacolas nos prédios. Eu ainda era pequeno e tocava a campainha anunciando “condomínio”. O portão abria e eu deixava os boletos com o zelador. Quem diria que, por conta de um amoroso castigo, eu encontraria meu caminho profissional? Além das faculdades que cursei, o Lloyd foi a grande escola da minha vida.

No começo, eu procurava algo para fazer, mas a prioridade eram os estudos. E, por conta do Shabat, era apenas de segunda a quinta. Primeiro, eu acompanhava o trabalho do office boy, o que me deixava um pouco mais cansado. Ele era muito esperto, descolado. Não à toa tornou-se um empreendedor. Aprendi a conhecer as ruas da cidade com ele, que me disse logo no primeiro dia:

– Pércio, gasto um par de tênis por mês!

Era verdade. Ele andava, andava, andava – a pé, de ônibus, sob sol ou chuva. Eu começava a conhecer mais da vida como ela é. Depois passei um tempo na expedição – tudo ainda era bem manual e lá rodávamos as cópias das atas datilografadas no estêncil. Dobrávamos papéis, cortávamos recibos. Os equipamentos se restringiam a máquinas de escrever, mimeógrafo e telefones. Meu pai voltava das assembleias e ditava a ata para a secretária. Os boletos eram datilografados, copiados em vias coloridas que iam sendo destacadas. O nome e endereço dos clientes eram forjados numa chapinha de metal, usada como stamp.

Aos 18 anos, como reza nossos costumes, fiz uma viagem muito especial para Israel, para passar uma temporada num Kibutz, o que me fez voltar mais acordado para a

vida. Quase perdi a viagem por ter ficado em recuperação. Eu já tinha repetido dois anos e agora algo concreto seria perdido. Me virei! Estudei, passei e embarquei em minha primeira viagem ao exterior, sozinho. Lá, trabalhei numa plantação, colhendo laranjas e carregando caixas. Depois fui para uma gráfica. Comecei a tomar consciência do que de fato era ter responsabilidades e a tomar gosto por trabalhar.

De volta ao Brasil, entrei na faculdade, em Comércio Exterior, conciliando os estudos com o Lloyd. Comecei a ter um outro conhecimento, o que me despertou o interesse por outras áreas. Mais tarde me formei em Direito.

Mas aos finais de semana, vivia com minha turma de amigos. Fui sócio com alguns deles num bar. Adorava praticar esportes radicais e deixava-me tocar mais pelo mundo externo do que interno, inclusive nos relacionamentos.

Eu já estava no negócio, quando nasceu meu primeiro sobrinho, o Bruno. A síndrome de Down nos fez viver uma situação inesperada e desconhecida. Eu precisava abarcar em mim sentimentos que não era capaz de nomear. Minha irmã, ao contrário, mostrou a nós que era uma fortaleza de serenidade, sabedoria e amor.

Buscando ocupar um vazio no peito, decidi ir estudar fora e viajei para os Estados Unidos. Acompanhava por carta as notícias daqui. Até que um dia, num ponto de ônibus, vi um jovem com síndrome de down se aproximando. Ele vinha sozinho, carregava sua mochila, sua lancheira. Subiu no ônibus e desceu um ponto antes do meu.

Aquele garoto me fez tomar consciência dos meus sentimentos, medos e até dos meus preconceitos. Eu era um desinformado, não conhecia aquela realidade, tampouco o potencial destas pessoas. Aquele menino transformou positivamente meu jeito de olhar o mundo.

Aos 27 anos, fui invadido por uma esperança, um desejo enorme de voltar para casa, crescer e abraçar o meu futuro no Lloyd, junto ao meu pai e minha família. Quando voltei, meu sobrinho tinha dois anos. Ele se tornou parte importante da minha vida, é uma alegria ser tio dele e do Vitor, seu irmão.

Rosane foi uma das pioneiras a falar em inclusão neste país. Foi para a área médica, buscando caminhos e recursos para que Bruno e outras crianças como ele tenham uma vida normal. Conseguiu.

*

Cresci admirando e respeitando meu pai. Toda iniciativa que eu trazia, compartilhava e validava com ele. Foi assim que compramos nosso primeiro computador e, logo depois, já tínhamos um CPD – Centro de Processamento de Dados. Às vezes, era difícil quando nossos pensamentos divergiam, mas se não fosse assim, como haveria crescimento?

Porém, a honestidade, a idoneidade e o cuidado com o cliente eram pontos totalmente convergentes. Fomos equacionando o choque de gerações como fazem sócios adultos e maduros, mas tínhamos um ingrediente especial: o amor entre pai e filho.

Conforme os resultados surgiam e os novos projetos mostravam-se sustentáveis, mais espaço eu conquistava – não somente em relação a meu pai, mas à equipe. Reconheço o quanto este processo foi valioso para mim e me sinto reconhecido e grato por continuar a sonhar, realizar, sempre aprendendo com as pessoas no entorno do Lloyd.

O nosso maior canal de vendas vem da indicação, seja para administração de locações e vendas ou administração de condomínios. O negócio é desafiador, porque boa parte do trabalho acontece longe dos olhos do cliente. Engana-se quem pensa que a administradora é mera emissora de boletos. São muitos os departamentos e atividades envolvidas. Por isso ficamos sempre felizes quando nosso trabalho é reconhecido. Ora somos gestores, ora psicólogos e mediadores, frente aos desafios que se apresentam para se chegar a um consenso numa reunião de condomínio. Temos prédios que estão no Lloyd há mais de quarenta anos. Começamos como prestadores de serviços e nos tornamos amigos das pessoas. Cuidamos do patrimônio alheio com respeito, seja qual for o desafio. Isso herdei do meu pai.

Nos serviços de venda, há uma estratégia e atuação proativa. No serviço de aluguel, a atenção para equilibrar justamente o interesse de locadores e locatários. Na administração de qualquer serviço, a clareza.

Por exemplo, cada condomínio tem sua conta bancária exclusiva e operamos dezenas de milhões de reais por mês. Não trabalhamos com um pool de contas, é essencial ter clareza dos recursos disponíveis e como estão sendo

administrados. Nossa boa reputação nos torna referência não só pelo relacionamento, mas pela transparência e competência.

Afinal, a administração condominial é complexa por abranger a responsabilidade civil e criminal. Além de assumir tal responsabilidade pelo condomínio, zela-se pela administração de pessoal dos prédios, pela parte fiscal – o recolhimento de impostos –, pela projeção orçamentária, pela gestão e negociação com inadimplentes, pelo rateio entre as unidades, pela compra de todo material que o prédio demanda, pelo apoio e sustentação na condução de assembleias – seguindo as normas de convívio estabelecidas, buscando a boa convivência, o bem-estar e bem-morar entre os moradores.

Assim, a partir de uma lei de 1964, o condomínio é uma personalidade jurídica que precisa ser disciplinada para funcionar, para que as pessoas convivam à luz de um regulamento interno, dentro de uma convenção que rege direitos e deveres de cada morador. Assembleias, advertências, multas, tudo tem seu momento se necessário. Quando preciso, tudo é operacionalizado pela administradora, que toma as devidas providências.

É preciso atenção às obrigações assumidas com terceiros, com salários e encargos, com as contas de concessionárias, com os compromissos com fornecedores. Qualquer desalinhamento está sujeito ao risco de autuação e prejuízo ao condomínio. É preciso conciliar e orquestrar inúmeros fatores e para isso é essencial a tríade: síndico – com o conselho consultivo, administradora e zelador.

Cada um em seu papel.

A administradora está a serviço do condomínio sob a liderança do síndico, que, por sua vez, é eleito pelos moradores. Esta é uma função de suma importância. Por isso, é preciso conhecer o melhor possível as pessoas que se candidatam ao cargo.

Sem deixar de perder o calor de uma empresa familiar, o processo de profissionalização do Lloyd iniciou-se em 2001 e foi um marco na nossa história. Cada líder foi revelando ainda mais o seu valor; conforme as responsabilidades, ganhavam mais clareza. Somado a isso, apoiando esse movimento, ferramentas tecnológicas foram adotadas no suporte à acessibilidade e relacionamento com os clientes. Por exemplo, processos manuais e manuscritos passaram a ser automatizados e digitalizados. Os prédios ganharam códigos, mas continuam sendo conhecidos e mencionados pelo nome.

Falando em nomes, seria impossível mencionar cada um que trazemos na memória, bem como as pessoas. Cada um deles se faz representar em figuras como Oswaldo, Denise, Gilson, Angelo, Val, Lilian, Alexandre, Wagner, Cida, Irani, Ângela, Ana, Gabriela... Meu pai soube formar uma equipe de pessoas fiéis, leais e competentes, entre tantos outros que nos ajudaram a construir o Lloyd.

Assim como prédios que se mantêm há décadas conosco, temos colaboradores que permanecem há quase trinta anos na empresa. Muitos chegaram, descendo na Estação da Luz, se apresentando e buscando uma chance. Como eles próprios reconhecem, o Lloyd ajudou a formá-los pro-

fissionalmente. Hoje, já nos chegam profissionais experientes, mas sempre buscamos neles a paixão por servir aos clientes.

Por quê? Porque cada condomínio é único, cada um é uma microempresa. O legado pelo qual tanto zelamos, também já nos trouxe muitos clientes de volta. A forma como nos apresentamos e atuamos numa assembleia é uma oportunidade de outros moradores nos conhecerem, pois a dinâmica de um condomínio sempre lida com situação e oposição. Muitas vezes somos unanimidade, sem falsa modéstia. Outras, não. Mas temos prédios que – na mudança de síndico –, perdemos e, pouco tempo depois, retornaram. Experiências assim até estreitam os laços.

É preciso compreender que há síndicos e síndicos. Há os que nos demandam diariamente, há os que tratam conosco apenas o essencial, mais objetivos. Há os que se aposentaram e decidiram dedicar seu tempo ao lugar onde moram e têm todo o tempo do mundo. Em contrapartida, há os empreendedores, executivos, profissionais liberais ocupadíssimos e práticos que não têm tempo a perder. Aprendemos a ler cada um e oferecer-lhes o melhor. Seja qual for o síndico do seu condomínio, é importante que seja alguém digno de confiança, com noções das leis envolvidas, sem ter que ser um especialista. Por isso é tão importante o papel orientador da administradora de condomínios.

Atenção! A administradora orienta, em cima da lei, das mudanças do código civil, nas leis da convenção do condomínio, mas é sempre o síndico quem decide acatar ou

não a orientação. E, no ritmo do mundo atual, é preciso fazer tudo isso com agilidade e velocidade.

Desde 1964 somos filiados do Creci – Conselho Regional dos Corretores de Imóveis - do qual fomos sócios-fundadores. Também somos sócios-fundadores da AABIC – Associação das Administradoras de Bens e Imóveis – e há 17 anos participamos do SECOVI - Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de imóveis residenciais e comerciais – onde anualmente participamos do programa de qualidade Essencial, sendo neste mesmo período anualmente reconhecidos por nossa atuação, com honra ao mérito.

O reconhecimento vem de movimentos contínuos de aperfeiçoamento. Em 2010, fizemos uma nova reestruturação, que chamamos de Projeto Águia. Mais uma vez, provávamos nossa capacidade de renovação, tornando-nos uma empresa mais ágil e acessível. Mais do que nos habilitar tecnicamente, este longo processo fez com que cultivássemos sempre nosso espírito inovador. Porque tradição e inovação podem sim andar de mãos dadas. Assim, em 2011 estávamos com nosso novo sistema de gestão e diretrizes. A reforma que empreendemos no escritório, em 2017, fez com que o ambiente externo ficasse à altura do ambiente interno, retratando numa linguagem contemporânea, o jeito Lloyd de ser.

Tudo muda, mas o respeito e cuidado no atendimento ao cliente é um valor que fazemos questão de preservar. Ele traz conforto e paz, à medida que todos somos acessíveis no Lloyd. Acompanhamos o trabalho dos gerentes, identifi-

cando suas necessidades e tudo o que pode ser feito pelo condomínio que atendem.

Esta é nossa cultura: a de proximidade com o cliente. Como diz uma colaboradora nossa, há um pouco de Dr. Fernando em cada um de nós". (Sim, meu pai é carinhosamente chamado como doutor Fernando). Quando surge um problema, automaticamente vem uma voz: o que o Dr. Fernando faria? E a equipe veterana garante: "é a diretriz do que é correto. Ele é uma grande inspiração. Esse alinhamento vem lá do início. O cliente fica mais seguro e confiante". Eu diria que não é sempre fácil fazer isso, mas sigo o que aprendi com meu pai à risca.

*

Seguimos evoluindo. Quando penso no que passou meu avô, deixando seu país de origem e recomeçando no Brasil sua história, sinto-me grato por sua coragem, pelo empenho do meu pai e por tudo que estamos construindo juntos.

Em oitenta anos, já compreendemos que até os problemas são mestres quando aproveitamos as oportunidades que eles trazem. Desafiamo-nos a continuar crescendo, atualizados com a transformação do mercado e do mundo, mas sem perder a identidade e o calor do relacionamento, fomentando o pertencimento de cada colaborador e cliente. São eles que atestam nossa credibilidade. Enfim, a história do Lloyd se mistura aos passos de meu avô, pais, assim como os meus.

Honrando meus ancestrais, sinto-me livre e abençoado para fazer as escolhas do futuro, pois o Brasil é uma terra

maravilhosa. A começar por nós, desejo que cada um dos que aqui habitam tenha força para fazer sua parte na construção de um país melhor. Sejam quais forem os obstáculos, vamos transformar a esperança em confiança, sempre com responsabilidade, idoneidade e respeito ao próximo, levando facilidades e soluções para um mundo cada vez mais coletivo.

A exemplo da mensagem do Rabi de Lubavitch, Rabino Menachen Mendel Schneerson, que o amor e a coragem nos acompanhem para seguirmos “trocando a aflição pela ação e o pranto pelo crescimento”.

* * *

L917 Lowenthal, Fernando
Histórias de vida & trabalho / Fernando Lowenthal. Prefácio e Posfácio de Percio Lowenthal. – São Paulo: Biografias e Profecias, 2019.
58 p.; Il.

ISBN 978-85-65004-26-8

1. Grupo Lloyd Imobiliário. 2. Administradora de Condomínios. 3. Gestão de Condomínios. 4. Síndico. Administração. 5. Família Lowenthal. 6. História do Grupo Lloyd Imobiliário. 7. História de Vida. 8. Cidade de São Paulo. 9. Estado de São Paulo. I. Título. II. Lowenthal, Percio.

CDU 658.3

CDD 658

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

